

Construções parentéticas epistêmicas no português angolano e moçambicano: convergências e divergências

Epistemic parenthetical constructions in Angolan and Mozambican Portuguese:
convergences and divergences

Construcciones parentéticas epistémicas en portugués angoleño y mozambiqueño:
convergencias y divergencias

Cristina dos Santos Carvalho

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)

Antonio Ralf da Cunha Carneiro

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)

Wesley da Silva Magalhães

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Brasil)

RESUMO

Este artigo pretende analisar, quanto à propriedade *esquematicidade*, construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal portuguesas, instanciadas por microconstruções como *(eu) creio que*, *(eu) acho que*, *(eu) penso que*, de um lado, e *(eu) creio*, *(eu) acho*, *(eu) penso*, do outro. Para análise dessas construções, assume-se como orientação teórico-metodológica a Linguística Funcional Centrada no Uso, com ênfase na abordagem construcional da gramática e mudança linguística. A investigação se baseia em ocorrências empíricas das variedades angolana e moçambicana do português contemporâneo, extraídas do banco de dados do *Corpus do Português*. Os resultados mostram que: (i) a

* Sobre os autores ver página 123.



rede construcional dos parentéticos analisados apresenta dois subesquemas: $[(SU)_{P1}]V_{Epist} Compl]_{Parent}$ e $[(SU)_{P1}]V_{Epist}]_{Parent}$; (ii) os dois subesquemas ocorrem no português angolano e moçambicano, havendo diferença quanto à produtividade; (iii) nas microconstruções, os verbos epistêmicos que mais ocorrem são *achar* (português moçambicano) e *crer* (português angolano e moçambicano).

PALAVRAS-CHAVE: Construções parentéticas epistêmicas; Linguística centrada no uso; Abordagem construcional; Esquematicidade; Português angolano e moçambicano.

ABSTRACT

*This paper aims to analyze, concerning to a parameter schematicity, quasi-assertive epistemic parenthetical constructions originated from verbal clauses in Portuguese, instantiated by microconstructions such as (eu) creio que, (eu) acho que, (eu) penso que on the one hand, and (eu) creio, (eu) acho, (eu) penso on the other. In order to analyze these constructions, it is assumed as a theoretical-methodological support the Usage-Based Functional Linguistics, with emphasis on the constructional approach of grammar and linguistic change. The research is based on empirical occurrences of Angolan and Mozambican varieties from contemporary Portuguese, extracted from the database of the Corpus do Português. The results show that: (i) the constructional network of the analyzed parentheticals presents two subschemas: $[(SU)_{P1}]V_{Epist} Compl]_{Parent}$ e $[(SU)_{P1}]V_{Epist}]_{Parent}$; (ii) both subschemas occur in Angolan and Mozambican Portuguese, with differences in productivity; (iii) in microconstructions, the most frequent epistemic verbs are *achar* (Mozambican Portuguese) and *crer* (Angolan and Mozambican Portuguese).*

KEYWORDS: Epistemic parenthetical constructions; Usage-based functional linguistics; Constructional approach; Schematicity; Angolan and Mozambican Portuguese.

RESUMEN

*Este artículo pretende analizar, en portugués, con respecto a la propiedad de representación esquemática, las construcciones parentéticas epistémicas casi-aseverativas provenientes de frases verbales e instanciadas por microconstrucciones como (eu) creio que, (eu) acho que, (eu) penso que, de un lado, y (eu) creio, (eu) acho, (eu) penso, de otro. Para el análisis de estas construcciones, se asume como una orientación teórico-metodológica la lingüística funcional basada en el uso, con énfasis en el enfoque constructivo de la gramática y el cambio lingüístico. La investigación se basa en ocurrencias empíricas de las variedades angoleña y mozambiqueña del portugués contemporáneo, extraídas de la base de datos del Corpus do Português. Los resultados muestran que: (i) la red de construcción de los parentéticos analizados presenta dos subesquemas: $[(SU)_{P1}] V_{Epist} Compl]_{Parent}$ y $[(SU)_{P1}] V_{Epist}]_{Parent}$; (ii) ambos subesquemas ocurren en portugués angoleño y mozambiqueño, con diferencias en productividad; (iii) en microconstrucciones, los verbos epistémicos más frecuentes son *achar* (portugués mozambiqueño) y *crer* (portugués angoleño y mozambiqueño).*

PALABRAS-CLAVE: Construcciones parentéticas epistémicas; Lingüística centrada en el uso; Enfoque constructivo; Representación esquemática; Portugués angoleño y mozambiqueño.

1 Introdução

Durante a interação comunicativa, os falantes podem empregar diferentes estratégias de asseveração ou atenuação do enunciado, que podem se atualizar, nas línguas humanas, por exemplo, através do uso de construções parentéticas epistêmicas. Do ponto de vista funcional, tais construções marcam o grau de conhecimento ou crença do falante no que é dito, expressando o seu julgamento sobre o valor de verdade da proposição e o seu (des)comprometimento em relação a essa verdade (GALVÃO, 1999; FITNEVA, 2001; VOTRE, 2004;; FORTILLI, 2015). Do ponto de vista formal, podem exibir diferentes configurações estruturais (SCHNEIDER, 2007; BRINTON, 2008; YOON, 2015).

Os parentéticos epistêmicos, nos termos de Castilho e Castilho (1996), podem ser classificados como asseverativos ou quase-asseverativos. No primeiro tipo, assinalam a certeza do falante quanto ao conteúdo proposicional do enunciado. No segundo tipo, inversamente, exprimem incerteza e descomprometimento do falante quanto à informação veiculada, reduzindo a sua responsabilidade em relação ao enunciado. Nesse caso, têm a função pragmática de atenuar (parte d) a asserção (SCHNEIDER, 2007).

Orientando-se por postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), na linha da abordagem construcional da gramática e mudança linguística (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, dentre outros), o presente trabalho tem como objetivo analisar, nas variedades angolana e moçambicana do português, os parentéticos epistêmicos quase-asseverativos de base clausal verbal (1), (2). O foco de análise recai nas construções instanciadas, no contexto de primeira pessoa do singular, por microconstruções como *(eu) acho que*, *(eu) creio que*, *(eu) suponho que*, *(eu) penso que*, *(eu) acho*, *(eu) creio*, *(eu) suponho*, *(eu) penso* etc.

- (1) *Existem em Luanda, **creio**, seis restaurantes chineses, dois ou três indianos e um, particularmente original, suco-vietnamita. Devem ser os únicos onde não se come bacalhau. O que quero dizer com isto é que, não obstante uma certa corrente anti-portuguesa ainda muito activa, alimentada por um sem número de receios e rancores, a sociedade angolana permanece culturalmente muito próxima de a antiga potência colonial.[...]*¹ (PA, séc. XXI, dados da web, http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/angola/page/16/)
- (2) *Em o Meu Caso pretendo me apresentar, mais tenho muito pouco aparelho de palco, se eu utilizar alguns mais vamos ver o que acontece. aqui o teatro é pequeno por isto pensei em 2 seções cabe **acho que** 50 a 100 pessoas **acho** e qntos mais brinquedos melhores neh? (PM, séc. XXI, CP,*

¹ Vale ressaltar que, neste texto, os excertos usados como exemplos foram mantidos da mesma forma em que se encontram no banco de dados no que diz respeito a aspectos ortográficos, morfossintáticos etc. Tais exemplos estão assim identificados: variedade - angolana ou moçambicana - do português (respectivamente PA ou PM), sincronia do português (séc. XXI), banco de dados (*Corpus* do Português – CP) e o *site* onde se encontra o dado.

<https://www.corpusdoportugues.org/webdial/x4.asp?t=968688&ID=483595364>

Com base nos níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) para as construções linguísticas, buscam-se, então, destacar as convergências e divergências na rede construcional dos parentéticos epistêmicos nas duas variedades africanas do português estudadas. Para tanto, examinam-se ocorrências empíricas (ou construtos) desses parentéticos atestadas no português contemporâneo (século XXI) e extraídas do banco de dados *Corpus* do Português.

Visando à descrição do fenômeno linguístico aqui analisado, este texto² está estruturado em quatro partes: na primeira, expõem-se, brevemente, pressupostos básicos da LFCU, enfatizando-se o entendimento da noção de construção nesse modelo teórico. Na segunda, caracteriza-se o *corpus* da pesquisa e mencionam-se os pressupostos metodológicos adotados na pesquisa. Na terceira, apresenta-se uma caracterização das construções parentéticas epistêmicas quanto às suas propriedades funcionais e formais. Na quarta, procede-se a uma análise quantitativa dos dados, observando-se os subesquemas e microconstruções licenciados na rede das construções em foco no português angolano e moçambicano. Por fim, tecem-se as considerações finais a respeito das convergências e divergências encontradas na análise.

2 A Linguística Funcional Centrada no Uso e a noção de construção

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), também denominada de Modelos Baseados no Uso, é considerada a fase mais contemporânea do funcionalismo linguístico norte-americano e representa um diálogo dessa vertente teórica com a Linguística Cognitiva³ e, mais especificamente, com a abordagem construcional da gramática. Sobre o rótulo “Modelo Baseado no Uso”, Diessel (2015) esclarece que essa designação foi proposta por Ronald Langacker com o intuito de ressaltar a relevância do uso para a análise da estrutura linguística.

Alguns dos pressupostos básicos da LFCU têm a ver com a assunção de que a estrutura linguística: (i) não é inata, como propunham os gerativistas; (ii) deriva de processos cognitivos de domínio geral⁴ como, por exemplo, a

² Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*, desenvolvido, sob a coordenação da professora Cristina dos Santos Carvalho, na Universidade do Estado Bahia, desde 2017. Apresenta resultados parciais de dois subprojetos sobre parentéticos epistêmicos nas variedades angolana e moçambicana do português contemporâneo, executados pelos bolsistas de Iniciação Científica Wesley da Silva Magalhães e Antonio Ralf da Cunha Carneiro.

³ De acordo com Silva (1997, p. 59), “a Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual”.

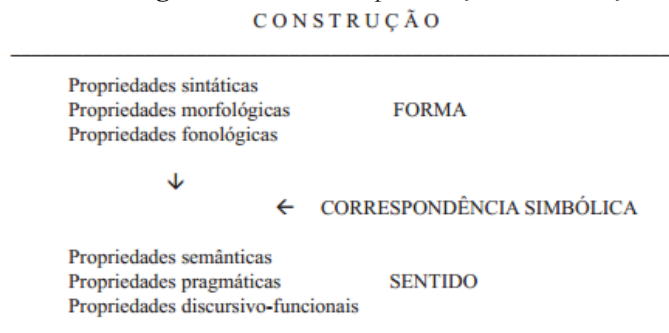
⁴ Outros processos cognitivos de domínio geral são analogia, *chunking* (encadeamento), associação transmodal e memória enriquecida. Para maiores informações sobre esses processos, ver Bybee (2010).

categorização: nesse contexto, não se estabelece diferença entre categorização linguística e categorização conceptual; e (iii) é criada enquanto a língua é usada (KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, entre outros). Assim, nesse modelo teórico, a gramática é uma representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, por isso, pode ser afetada pelo uso linguístico que os falantes podem realizar por meio de adaptações (BYBEE, 2006, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Considera-se, então, a gramática como uma estrutura que está sempre se adaptando às necessidades sociocomunicativas dos usuários de uma dada língua, o que significa dizer que, durante as interações, os falantes, valendo-se de variados recursos gramaticais, (re)criam estruturas linguísticas para atingirem seus propósitos de comunicação.

Desse modo, a gramática e o discurso, entendido como uso criativo da língua nos diversos contextos de comunicação, estão intimamente relacionados já que a gramática está sempre mudando em função do discurso. A esse respeito, Bispo (2014, p. 224) ressalta que “a LFCU entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social”. Sendo assim, a LFCU considera, na análise de fenômenos linguísticos, a relevância de fatores cognitivos e pragmático-discursivos que se manifestam na língua em uso em situações reais de interação comunicativa para explicação desses fenômenos.

Nesse contexto teórico, admite-se que a mudança linguística também se efetiva no uso da língua e o *locus* da mudança é o construto, uma instância de uso (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Como afirma Martelotta (2011, p. 56), “todo esse mecanismo, veiculado pelo uso, ocasiona reanálises, analogias e outros processos que implicam alterações e extensões no emprego das expressões linguísticas”.

Para análise linguística, a abordagem baseada no uso, pautada em modelos construcionais da linguagem, assume que a construção é unidade básica da gramática e, por conseguinte, concebe que a linguagem, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e *links* entre os nós. Em outras palavras, a língua é vista como um inventário de construções - lexicais e gramaticais - interconectadas, um *constructicon*. Nessa perspectiva, a noção de construção remete a um pareamento convencional entre forma e função (GOLDBERG, 1995, 2006, 2013; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Tal noção é representada por Traugott e Trousdale (2013) da seguinte forma: [[F] ↔ [M]], em que F e M equivalem à forma (*form*) e ao significado/sentido (*meaning*), respectivamente. Nesse pareamento, há, então, uma correlação entre propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas (plano da forma) e semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (dimensão da função ou significado ou sentido), como mostra a figura 1.

Figura 1. Modelo de representação da construção

Fonte: Croft (2001, p. 18).

A figura 1 acentua o vínculo estreito entre propriedades formais e funcionais na configuração de uma construção. A esse respeito, Oliveira (2013) ressalta que a frequência *type* (isto é, de um padrão construcional) é considerada determinante para a fixação do nível de entrincheiramento das dimensões referidas na figura 1, ficando para o analista identificar e relacionar as seis propriedades, para que, juntas e articuladas, sejam capazes de retratar a construção.

Baseando-se em uma das propriedades fundamentais das construções, o seu grau de esquematicidade, Traugott e Trousdale (2013) identificam distintos níveis construcionais que se relacionam em redes hierárquicas: *esquemas*, *subesquemas* e *microconstruções* e *construtos*. Nessa proposta, os esquemas linguísticos são mais abrangentes, representando grupos abstratos, semanticamente gerais de construções, de conteúdo (lexicais) ou procedurais (gramaticais). Os subesquemas são menos abrangentes e têm a ver com um conjunto de semelhanças observável entre construções individuais diversas. As microconstruções, por sua vez, equivalem a construções individuais que são instanciadas em uso por construtos, que são ocorrências empiricamente atestadas. Nessa rede hierárquica de construções, esquemas se subdividem em subesquemas que, por sua vez, licenciam microconstruções. Sobre os níveis de construção propostos, os autores ainda ressaltam que, no decorrer do tempo, as relações entre eles podem mudar.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que as construções podem ser consideradas em termos de várias dimensões (que também são gradientes): tamanho, especificidade fonológica e tipo de conceito. Quanto aos tipos de construções mencionados por Traugott e Trousdale (2013), as construções parentéticas epistêmicas objeto de estudo da pesquisa são: quanto ao tamanho, complexas uma vez que apresentam três ou quatro partes a depender do subesquema construcional considerado; quanto à especificidade fonológica, intermediárias, já que o complementizador QUE pode ser realizado em um dos padrões construcionais; quanto ao tipo de conceito, gramaticais ou procedurais, já que marcam a modalidade epistêmica.

Aspectos relacionados às características e aos níveis de esquematicidade das construções examinadas no português angolano e moçambicano serão detalhados nas seções 4 e 5 deste artigo. No entanto, antes disso, serão pontuados alguns pressupostos metodológicos da pesquisa na próxima seção.

3 Aspectos metodológicos: o *corpus* e os procedimentos

Para o exame do fenômeno linguístico aqui investigado, neste trabalho, em alinhamento com os pressupostos metodológicos da LFCU, no que concerne à observação e análise dos dados, procedeu-se a uma abordagem qualitativa e quantitativa das ocorrências empíricas (construtos) levantadas. Nesse sentido, em consonância com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 22), entende-se que, em um estudo pautado na LFCU, como o interesse recai “no uso real da língua em situações reais de interação, a aferição da frequência da ocorrência de um dado fenômeno linguístico é muito importante já que assinala aquilo que o uso consagra como estratégia de comunicação em um determinado contexto.

Assumindo, então, o pressuposto de que “a gramática é diretamente baseada na experiência linguística” (BYBEE, 2010, p. 10)⁵, para a descrição dos parentéticos epistêmicos, partiu-se de usos reais da língua portuguesa. Sendo assim, na pesquisa, foram utilizados, como amostra, textos das modalidades falada e escrita das variedades angolana e moçambicana do português contemporâneo (mais precisamente, do século XXI), integrantes do banco de dados *Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org). Esse banco de dados, organizado por Davies e Ferreira (2006), engloba textos representantes de diferentes gêneros, séculos e variedades do português. Para este trabalho, foi considerada a interface mais nova do *site*, criada entre 2012 e 2015, com um milhão de palavras do português.

Para observação e análise dos dados, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento exaustivo das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal⁶; b) fichamento dos trechos com essas construções; c) identificação das funções semântico-pragmáticas dessas construções; d) identificação dos subesquemas e microconstruções licenciados pelos esquemas construcionais em estudo; e) análises qualitativa e quantitativa dos dados.

Vale ressaltar que foram desconsiderados, na análise dos dados, os usos de verbos epistêmicos, em contexto de sentença matriz, com valor de opinião (3) e incerteza (4), já que não constitui objetivo deste trabalho traçar o percurso de desenvolvimento dos parentéticos epistêmicos, como feito em Carvalho (2017). No entanto, à esteira de Carvalho (2017), assume-se que contextos como o ilustrado em (4), em que as matrizes com verbos epistêmicos codificam incerteza, serviram de ponto de partida para a emergência de construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal.

- (3) Mas os interesses do Estado não falam mais alto?
Mas quem é o Estado, não somos nós? **Eu acho que** estes indivíduos são governantes nossos, são mandatários, não acha que eles devem conversar primeiro com os donos que é o Estado? O

⁵ In usage-based theory, where grammar is directly based on linguistic experience, [...] (BYBEE, 2010, p. 10).

⁶ Apesar desse levantamento exaustivo dos dados, como se verá na seção que apresenta a análise quantitativa dos dados, não foi documentado, na amostra analisada, um número bem alto de ocorrências das construções estudadas. Houve uma frequência bem expressiva de dados referentes a construções parentéticas que expressam a opinião do falante.

governo é que é do povo, é do Estado. Não é o povo nem o Estado que é do governo, **acho que** estamos a inverter os termos e é precisamente esta inversão de valores que temos que acabar, é preciso conversar, eu sou beneficiário, não acha que têm que conversar com os beneficiários? (PA, séc. XXI, dados da web, <http://blogdangola.blogspot.com/2011/07/general-manuel-paulo-mendes-de-carvalho.html>).

- (4) Para dar ainda outro exemplo, e se a memória não me falha, houve alguma polémica com um grupo de pessoas (ou era só uma, não sei) que queriam pintar a cara (e andar assim em a rua) de uma forma parecida com a de uma personagem maléfica de a guerra de as estrelas -- um rosto vermelho com riscas pretas, como o de alguns anfíbios venenosos, olhos amarelos, etc. Não tenho a certeza, mas **penso que** houve essa polémica -- não sei se houve algum procedimento legal. Claro que se pode dizer que em o carnaval as pessoas se mascaram, por exemplo. Ou em a semana santa, em Espanha, há um `cortejo' de encapuçados (bem sinistros, aliás!), e coisas parecidas (PM, séc. XXI, CP, dados da web, <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=955212&ID=873187153>).

Apresentados os parâmetros metodológicos da pesquisa, na próxima seção, será feita uma caracterização dos parentéticos epistêmicos em estudo.

4 Caracterizando as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas no português angolano e moçambicano

Quanto à função semântico-pragmática, as construções aqui estudadas assinalam o descomprometimento do falante/escritor em relação ao que é dito para o interlocutor (ouvinte/leitor). Nos termos de Fortilli (2015, p. 1072), essas construções “cumprem bem esse papel [resguardar, relativizando o peso de suas declarações], pois alertam a intenção do outro de não ser categórico, mas flexível quanto à certeza acerca do que pronuncia”. Pode-se, então, dizer que tais construções apresentam uma função (inter)subjativa.

Nos dados do português angolano e moçambicano, foram registrados usos de parentéticos epistêmicos como marcadores de incerteza (5), (6) ou atenuadores (7), (8) de alguma informação.

- (5) Tudo depende de o carro em questão. Tem que haver um "« compromisso "» entre a largura e a altura de o pneu. Também acho que é importante a escolha de o piso, porque também faz MUITA diferença. *Lembro-me quando fomos á Carimba julgo que em 2003* -- se ainda tivesse os pneus de origem em a L200 acho que não conseguia descer aquela última ravina (PA, séc. XXI, dados da web, <http://angolaoffroad.livreforum.com/t660-verdade-ou-mito-no-off-road-e-no-mundo-dos-automoveis>).
- (6) *Temos também o caso recente de Magude, suponho que de Janeiro de este ano*, em que um colega estava a fazer transferência de doentes para

a cidade de o Maputo em uma madrugada de nevoeiro e chegado em a zona de Xinavane havia um camião estacionado sem sinalização e lá se foi mais uma ambulância (PM, séc. XXI, CP, <https://www.corpusdoportugues.org/webdial/x4.asp?t=973125&ID=190084144>).

- (7) Era, *mas em o tempo de a Primeira República, em o tempo de o MPLA, não havia essa proibição taxativa, nem estava sujeita a sanções, penso*. Lá em a Rádio Nacional ouvia- se, sintonizava- se e sabíamos. Com as convicções que tinham, como é que reagiam a algumas notícias, a algumas análises? Depende de o período (PA, séc. XXI, dados da web, <http://www.opais.net/pt/opais/?det=10497>).
- (8) oi gente entrei em este saít a pouco menos ke um mes, mas ja conheci aki gente muito boa assim como ruim, mas kero agradecer a o Par Ideal Moçambique Moçambique o facto de me ter dado a oportunidade de conhecer alguém muito especial pra mim, alguém ke me fez voltar a sonhar outra vez e a lembrar de o gosto bom de a paixão, estou muito apaixonada por til sim por tí... e *penso ke tu por mim (axo)*, mas tbem se não estiveres não faz... (PM, séc. XXI, CP, dados da web, <https://www.corpusdoportugues.org/webdial/x4.asp?t=955846&ID=279233446>).

Observa-se que, em (5) e (6), o emprego de *julgo que* e *suponho que* assinala uma incerteza relacionada, respectivamente, ao ano de ida à Carimba e ao mês em que aconteceu o caso de Magude. Contextos relacionados à veiculação de informações associadas não só a tempo mas também a lugar e quantidade de coisas, pessoas favorecem o uso do marcador de incerteza (como se pode ver também nos exemplos (1) e (2)).

Já em (7) e (8), o uso de *penso* e *acho* funciona como uma estratégia de atenuação de algo mencionado anteriormente: respectivamente, a informação dada sobre a proibição taxativa no tempo em que o MPLA governava e a informação de que o rapaz também está apaixonado pela moça que, primeiro, faz a declaração.

Em todos os exemplos, percebe-se que as microconstruções destacadas - *julgo que*, *suponho que*, *penso* e *acho* - são fundamentais, do ponto de vista discursivo-pragmático, para reduzir a responsabilidade do falante/escritor quanto às informações veiculadas. Isso fica mais evidente ainda com a exclusão dessas microconstruções dos contextos de uso em que se encontram:

- (5) [...] Lembro- me quando fomos á Carimba Ø em 2003 [...]
- (6) Temos também o caso recente de Magude, Ø de Janeiro de este ano [...]
- (7) [...] mas em o tempo de a Primeira República, em o tempo de o MPLA, não havia essa proibição taxativa, nem estava sujeita a sanções Ø. [...]

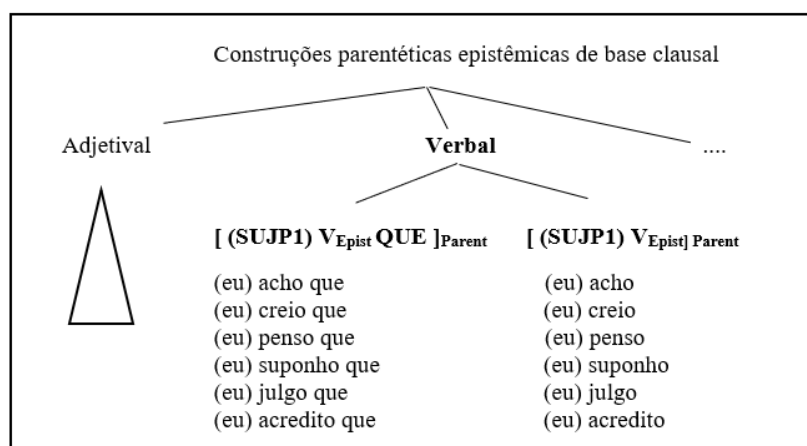
(8^o) [...] estou muito apaixonada por ti! sim por ti... e penso ke tu por mim Ø [...]

Quanto à configuração formal, as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas apresentam um verbo epistêmico ou cognitivo na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, podendo ter ou não o complementizador *que*. Sobre o tipo semântico de verbo presente nessas construções, Fortilli (2015) afirma:

Sempre na primeira pessoa do singular, esses verbos destacam a atitude do falante quanto ao conteúdo da proposição. A natureza desses verbos revela que o falante tem uma postura defensiva, ou seja, ele anuncia o conteúdo no qual acredita, mas salienta seu comprometimento parcial com essa verdade (FORTILLI, 2015, p. 1074).

Para caracterização do esquema construcional referente às construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas, segue-se aqui a representação proposta por Carvalho (2017): [(SU)_{P1} V_{Epist} (QUE)]_{Parent}. A autora, tendo em vista distintos níveis de construção postulados por Traugott e Trousdale (2013), estabelece uma hierarquia construcional para as construções epistêmicas de base clausal verbal, representada na figura 2.

Figura 2. Hierarquia construcional de construções epistêmicas de base clausal verbal



Fonte: Carvalho (2017, p. 33).

A partir da figura 2, verifica-se que as construções em análise apresentam dois subesquemas - [(SU)_{P1} V_{Epist} QUE]_{Parent} e [(SU)_{P1} V_{Epist}]_{Parent} - que se diferenciam, quanto à configuração formal, pela presença/ausência do complementizador *que*. Tais subesquemas ocorrem no português angolano e moçambicano: Os exemplos (5) e (6) citados anteriormente ilustram o

subesquema [(SUJ_{P1}) V_{Epist} QUE]_{Parent} e (7) e (8), o subesquema [(SUJ_{P1}) V_{Epist}]_{Parent}.

Os dois subesquemas ainda se distinguem quanto à posição sintática no plano formal. As posições sintáticas desses subesquemas epistêmicos na sentença são intercalada (9), (10) e final (11), (12). Observe-se que o subesquema [(SUJ_{P1}) V_{Epist} QUE]_{Parent}, devido à presença do complementizador *que*, apenas ocorre na posição intercalada (9), (10) enquanto o [(SUJ_{P1}) V_{Epist}]_{Parent} ocorre nas duas posições (11), (12).

- (9) **JÁ** - É um período pouco comentado e conhecido?
MPP - Pouca gente não fala disso. Realmente é um período pouco falado, mesmo alguns camaradas do MPLA que estavam no exterior não sabem. *Mas essas ações de resistência dos militantes do MPLA, tiveram o seu apogeu em Julho de 1974, **creio que** no dia 11* (PA, séc. XXI, dados da web, <https://www.portaldeangola.com/2013/04/27/25-de-abril-foi-decisivo/>).
- (10) É preciso saber ultrapassar as dificuldades de a democracia. Quando fala de políticas de desenvolvimento em o seu livro, leva- nos de volta a o velho debate de se abrir ou não os mercados internos. Para o estágio em que estamos, a abertura de o mercado é favorável a os países em vias de desenvolvimento? Não tem solução. É evidente que sempre houve contra e a favor. *Quando os países são grandes, como a Rússia, Brasil, Índia e China, são mercados que **eu acredito que** tem mais de 100 milhões de habitantes*, ou seja, há mercado interno para crescer. Quando os mercados são pequenos como os nossos, Moçambique 22 milhões, tem que se abrir o mercado (PM, séc. XXI, dados da web, <http://www.opais.co.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/13687-um-continente-de-extremos.html>).
- (11) Em as últimas semanas conheci em Luanda alguém muito especial que em português bem se poderia chamar "« Venceremos "», *pois será esta a tradução de o seu nome Tukayana, Rui Tukayana, um vernáculo retirado de a língua tchokwe, **suponho***. Além de Augustin Bizimungu, o tribunal de a ONU, sediado em a Tanzânia, para julgar os crimes de guerra em o Ruanda também condenou o antigo chefe de a polícia paramilitar Augustin Ndindiliyimana, entretanto libertado por já ter cumprido a pena (PA, séc. XXI, dados da web, <http://www.27maio.com/>).
- (12) Olá pessoal do Luabo! Busco um amigo chamado Nito [...] O pai do Nito trabalhava na Sena Sugar Estates e creio que era um feitor, administrador ou capataz. A esposa e uma das filhas deram à luz em simultâneo. Ele colocou a esposa

e filhos em Lourenço Marques no início dos anos 70, provavelmente em 1973 ou 1974, suponho que por razões escolares. *Vinba visitá-los de dois em 2 meses, creio.* O Nito era meu companheiro de brincadeiras na Av. Duques de Connaught (rua do miradouro) em Lourenço Marques. Agradeço qualquer informação para o email (PM, séc. XXI, dados da web, <http://quelimane-zambeia.blogspot.com/2006/04/luabo.html>).

Note-se ainda que, a depender da posição, o escopo sintático do subesquema poderá incidir em um constituinte oracional ou em toda a oração, como se vê, a título de ilustração, em (9) e (12), respectivamente. O escopo sintático se refletirá no escopo semântico, o que significa dizer que o alvo da incerteza ou atenuação poderá ser uma informação veiculada apenas pelo constituinte (9) ou por toda a oração (12).

Do ponto de vista fonológico (e, mais especificamente, prosódico), as construções parentéticas tendem a ser marcadas por pausa na oralidade. Na escrita, essas pausas tendem a ser representadas por parênteses ou vírgula, como mostram, por exemplo, os usos ilustrados em (8) e (9), respectivamente.

As propriedades funcionais e formais das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas se encontram sintetizadas no quadro 1.

Quadro 1. Propriedades das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas

		PROPRIEDADES	CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS QUASE-ASSEVERATIVAS
FORMA	SINTÁTICAS		Mobilidade posicional na sentença: - Posição intercalada (subesquemas 1 e 2) - Posição final (subesquema 2) Escopo da oração ou de um constituinte oracional
	MORFOLÓGICAS		Cristalização de tempo verbal e pessoa gramatical - Verbo no tempo presente do indicativo - Verbo na primeira pessoa do singular Explicitude/omissão do EU Presença/ausência do complementizador QUE
	FONOLÓGICAS		Traço prosódico: - Marcadas por pausa
FUNÇÃO	SEMÂNTICAS		Presença de verbo epistêmico (também chamado de atividade mental ou cognitivo) Marca de incerteza
	DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS		Estratégia de atenuação da informação Marca de hesitação Função (inter)subjetiva: - Redução da responsabilidade do falante/escritor - Sinalização da “atitude” do falante/escritor em relação ao que é dito para o interlocutor (ouvinte/leitor).

Fonte: Elaborado a partir de Oliveira (2013, p. 159).

Como já previsto na definição apresentada, na LFCU, para a noção de construção, as propriedades formais e funcionais exibidas no quadro 1 estão intimamente vinculadas. Por exemplo, a codificação da construção parentética com verbo epistêmico (aspecto semântico), na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo (aspecto morfológico) relaciona-se a um dos propósitos comunicativos do falante/escritor: reduzir a sua responsabilidade em relação ao enunciado ou indicar uma determinada atitude de descomprometimento (aspectos discursivo-pragmáticos).

5 Parentéticos epistêmicos quase-asseverativos em rede construcional: análise quantitativa dos dados

Nesta seção, procede-se à análise quantitativa dos dados, etapa metodológica da pesquisa que, nos termos de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 22), “refere-se à natureza mensurável do material empírico tomado como amostra”. Para tanto, tomam-se como categorias de análise os parâmetros relacionados à noção de esquematicidade e, por conseguinte, aos níveis de construções propostos por Traugott e Trousdale (2013).

Na amostra analisada, foi registrado um total de 109 ocorrências empíricas (construtos) de parentéticos quase-asseverativos, dos quais 35 ocorreram no português angolano e 74, no português moçambicano⁷. Verifica-se, então, que foram documentados mais construtos na segunda variedade do que na primeira mencionada.

Nas duas variedades do português, as ocorrências atestadas se distribuem entre os subesquemas $[(SU)_{P1} V_{Epist} QUE]_{Parent}$ e $[(SU)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}$, como mostra a tabela 1.

Tabela 1. Distribuição de subesquemas de construções parentéticas epistêmicas \quase-asseverativas no português angolano e moçambicano

Variedades do português	Subesquemas construcionais		Total
	$[(SU)_{P1} V_{Epist} QUE]_{Parent}$	$[(SU)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}$	
Angolana	11	24	35
Moçambicana	36	38	74
Total	47	62	109

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver com base na tabela 1, as variedades angolana e moçambicana apresentam comportamento distinto em relação aos dois subesquemas. No português angolano, há mais usos das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas no subesquema $[(SU)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}$ do que no subesquema $[(SU)_{P1} V_{Epist} QUE]_{Parent}$: 24 e 11 ocorrências, respectivamente. Já no português moçambicano, as construções se distribuem de forma quase equitativa entre os dois subesquemas: 36 representam o subesquema $[(SU)_{P1} V_{Epist} QUE]_{Parent}$ e 38, o subesquema $[(SU)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}$.

⁷ Como não houve, no *corpus*, um número bastante alto de construtos referentes a parentéticos epistêmicos quase-asseverativos, optou-se por apresentar, nesta seção, os resultados referentes à quantificação dos dados apenas em termos absolutos.

As tabelas 2 e 3 exibem as microconstruções licenciadas por cada subesquema construcional na amostra analisada.

Tabela 2. Distribuição das microconstruções de acordo com os subesquemas das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas no português angolano

Verbos epistêmicos	Subesquemas e microconstruções				
	[((SU) _{PI}) V _{Epist} QUE] Parent	Nº	[(SU) _{PI}] V _{Epist}] Parent	Nº	Total
ACHAR	eu acho que acho que	1 3	eu acho	2	6
CRER	creio que	2	creio	10	12
SUPOR	eu suponho que	1	suponho	4	5
PENSAR	penso que	2	penso	2	4
JULGAR	julgo que	2	julgo	3	5
ACREDITAR			acredito	3	3
Total		11		24	35

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3. Distribuição das microconstruções de acordo com os subesquemas das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas no português moçambicano

Verbos epistêmicos	Subesquemas e microconstruções				
	[((SU) _{PI}) V _{Epist} QUE] Parent	Nº	[(SU) _{PI}] V _{Epist}] Parent	Nº	Total
ACHAR	acho que	10	eu acho acho	3 5	18
CRER	eu creio que creio que	1 8	creio	8	17
SUPOR	eu suponho que suponho que	2 2	suponho	9	13
PENSAR	penso que	7	penso	5	12
JULGAR	julgo que	3	julgo	3	6
ACREDITAR	eu acredito que acredito que	1 2	acredito	5	8
Total		36		38	74

Fonte: Elaboração própria.

Nas duas variedades, os verbos epistêmicos mobilizados são os mesmos nas microconstruções atestadas como construtos: *achar*, *crer*, *supor*, *pensar* e *acreditar*. Quanto a esses verbos, no português moçambicano, ocorrem mais microconstruções com o verbo *achar* (18 ocorrências) e *crer* (17 ocorrências). No português angolano, ocorrem mais microconstruções com o verbo *crer* (12 ocorrências). Quanto às microconstruções, as mais utilizadas são *creio* (10 ocorrências) e *acho que* (10 ocorrências), documentadas, respectivamente, no português angolano e moçambicano, como ilustram os usos em (13) e (14).

- (13) normais, estavamos, os dois solitários representantes de a UNAVEM. Em o outro lado de a sala, os de a UNITA, em ampla maioria. Destacavam-se o Coronel Zavarra, representante junto a o organismo internacional, o "« Embaixador "» de a UNITA em a Europa, por aqueles dias retornado a a Angola, Isaias Samankuva. Este era um negro de tez menos enegrecida, com

barbicha e bigode bem aparados, um pouco mais alto do que eu, e já tendendo a o excesso de peso. Falava pausadamente e era poliglota. *Tivera, creio, educação em a Inglaterra.* Segundo rumores, trataria de as finanças de a organização e sua mulher, estrangeira, de cor branca. Cortês, demonstrava fino trato. [...] (PA, séc. XXI, dados da web, <http://huambodigital.com/carta-do-brasil-saudades-do-bailundo-teixeira-da-silva/>)

- (14) Tem sim ArielFN, desde o visual de seu blog, personalização e liberdade para fazer o que quiser com seu blog! o WordPress.com em a minha opinião é pior que o Blogger, pois nem o layout não tem como você colocar um pego de a internet. Se não puder pagar por o WordPress.org, recomendo que continue em o Blogger! é, mas vou ver e ir tirando umas dúvidas com vc, e talvez possivelmente, eu migre para a família WordPress kkk, ah *mas uma dúvida, por exemplo tem acho que 5 pessoas que me ajudam em o Blogger*, se eu migrar pagando o domínio (R\$ 30 né?), eles tbm terem que pagar ou eles participaram de graça, ou meu preço dobra? (PM, séc. XXI, dados da web, <https://www.corpusdoportugues.org/web-ial/x4.asp?t=958707&ID=372583118>)

Observe-se que, mesmo com o total de ocorrências não muito alto para cada microconstrução, é possível fazer alguns comentários no que concerne aos resultados apresentados anteriormente: a opção pelas microconstruções *creio* e *acho que e*, por conseguinte, pelos verbos epistêmicos *crer* e *achar* sinaliza que esses verbos parecem constituir as categorias mais prototípicas na codificação estrutural das construções parentéticas em estudo. Carvalho (2017), examinando dados do português brasileiro e europeu, já havia feito essa observação para as microconstruções instanciadas com o verbo *achar*.

Outro comentário a ser feito diz respeito à diversidade de microconstruções empregadas nas duas variedades africanas do português examinadas. Sintetizam-se, no quadro 2, as microconstruções comuns e específicas de cada uma dessas variedades.

Quadro 2. Convergências e divergências no português angolano e moçambicano em relação a microconstruções licenciadas por subesquemas de construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas

Verbos epistêmicos	Subesquemas e microconstruções	
	[((SU) _{P1}) V _{Epist} QUE] Parent	[(SU) _{P1}) V _{Epist}] Parent
ACHAR	eu acho que (PA) acho que (PM/PA)	eu acho (PM/PA) acho (PM)
CRER	eu creio que (PM) creio que (PM/PA)	creio (PM/PA)
SUPOR	eu suponho que (PM/PA) suponho que (PM/PA)	suponho (PM/PA)
PENSAR	penso que (PM/PA)	penso (PM/PA)
JULGAR	julgo que (PM/PA)	julgo (PM/PA)
ACREDITAR	eu acredito que (PM) acredito que (PM)	acredito (PA)

Fonte: Elaboração própria

Note-se que, na amostra analisada, entre as microconstruções presentes no quadro 1, algumas são registradas apenas no português angolano (*eu acho que* e *acredito*) e outras, apenas no português moçambicano (*eu creio que, eu acredito que, acredito que, acho*). As microconstruções comuns às duas variedades são: *acho que, creio que, eu suponho que, suponho que, penso que, julgo que* (licenciadas pelo subesquema [((SUJ)_{P1} V_{Epist} QUE] Parent); e *eu acho, creio, suponho, penso e julgo* (licenciadas pelo subesquema [((SUJ)_{P1} V_{Epist}] Parent).

6 Considerações finais

Norteando-se por postulados da LFCU, neste trabalho, buscou-se apresentar uma caracterização dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos de base clausal verbal no português angolano e moçambicano, com vistas a apreender as convergências e divergências entre essas variedades. Para tanto, empreendeu-se uma análise construcional do fenômeno investigado: adotou-se, então, a noção de construção, entendida como pareamento convencional entre forma e função (GOLDBERG, 1995; 2006; 2013; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), com o intuito de identificar propriedades formais e funcionais das construções parentéticas epistêmicas.

Sendo assim, na caracterização efetuada, demonstrou-se, com base em Carvalho (2017), que, quanto à configuração formal, as construções aqui estudadas se instanciam no contexto de primeira pessoa do singular, com verbo no presente do indicativo, seguido ou não do complementizador *que*, sendo representadas pelo esquema construcional [(SUJ)_{P1} V_{Epist} (Comp)]_{Parent}. Quanto à função semântico-pragmática, essas construções são usadas como marcadores de incerteza ou atenuadores da informação veiculada. Tais usos foram atestados no português angolano e moçambicano.

Ainda na análise, foram considerados parâmetros relacionados à noção de esquematicidade e aos níveis de hierarquia construcional - esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos - propostos por Traugott e Trousdale (2013). Em relação a esses níveis de construção, os dados empíricos (construtos) examinados permitiram evidenciar as características descritas a seguir. Como já pontuado por Carvalho (2017) para o português brasileiro e europeu, nas variedades angolana e moçambicana, a rede construcional dos parentéticos epistêmicos também apresenta dois subesquemas: [(SUJ)_{P1} V_{Epist} Comp]_{Parent} e [(SUJ)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}, que licenciam microconstruções como *eu creio que* e *eu creio*, respectivamente. No entanto, observou-se que há diferença quanto à produtividade desses subesquemas nessas duas variedades: eles apresentam uma distribuição muito próxima no português moçambicano enquanto, no português angolano, ocorrem mais microconstruções no subesquema [(SUJ)_{P1} V_{Epist}]_{Parent}. Estabelecendo-se uma correlação entre microconstruções licenciadas e verbos epistêmicos mobilizados, verificou-se um maior emprego de microconstruções com *achar* (português moçambicano) e *crer* (português angolano e moçambicano). As microconstruções mais utilizadas foram *creio* e *acho que*, atestadas, respectivamente, no português angolano e moçambicano.

Tendo em vista os resultados empíricos apresentados neste texto, podem-se constatar tendências intralinguísticas e idiosincrasias no que tange ao uso das construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas no português

angolano e moçambicano. Nesse sentido, assume-se aqui, em conformidade com Batoréo (2010), a pertinência de se fazer uma abordagem contrastiva em português em relação a processos de mudança linguística para verificar processos comuns e específicos de cada uma das variedades dessa língua.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

- BATORÉO, H. J. Gramaticalização na língua portuguesa: uma abordagem contrastiva dos estudos desenvolvidos em português europeu (PE) e em português do Brasil (PB). **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Lisboa, Edições Colibri/CLUNL, n. 5, p. 95-107, 2010. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n5_fulltexts/5e%20hana%20batoréo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- BISPO, E. B. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas: Síntaxe das Línguas Brasileiras**. v. 18, n.1, 2014.
- BRINTON, L. J., **The comment clause in English: syntactic origins and pragmatic developments** (Studies in English Language). Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 280 p.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, p.711-733, 2006.
- _____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, C. S. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 27, n. 55, p. 17-41, 2017.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. v.2. 3.ed. São Paulo, Unicamp, 1996. p. 213-260.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em: 23 out. 2019.
- FITNEVA, S. A. Epistemic marking and reliability judgments: evidence from Bulgarian. **Journal of Pragmatics**, v. 33, p. 401-420, 2001.
- FORTILLI, S. C. Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito. **Revista Philologus**, v. 21, n° 61, 2015.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GALVÃO, V. C. C. **O achar no português do Brasil**: um caso de gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. 167 p.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**. A constructional grammar approach to argument structure. London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem). 136 p.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 42, n.1, p. 148-162, jan-abr 2013. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/EL-42_vol1_148_162_MR_Oliveira_1.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SCHNEIDER, S. **Reduced parenthetical clauses as mitigators**: a *corpus* study of spoken French, Italian and Spanish. v. 27. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins 2007.

SILVA, A. S. A linguística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, FASC. [1-2], v. 1, 1-424, 1997.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. 278 p.

VOTRE, S. J. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, S. et al. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004. p. 11-49.

YOON, J. The Grammaticalization of the Spanish Complement-taking Verb without a Complementizer. **Journal of Social Sciences**, v. 11, n. 3, p. 338-351, 2015.

Recebido em 06 de janeiro de 2020.

Aprovado em 20 de março de 2020.

Publicado em 30 de abril de 2020.

SOBRE OS AUTORES

Cristina dos Santos Carvalho é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando na graduação e pós-graduação. É docente permanente do Programa de Estudo de Linguagens (PPGEL) da (UNEB). Coordena o projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo, sentenças complexas, gramaticalização e abordagem construcional da gramática.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2399-674X>

E-mail: crystycarvalho@yahoo.com.br

Antonio Ralf da Cunha Carneiro é graduando em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*), em Conceição do Coité - Bahia. É bolsista de Iniciação Científica (IC), desde 2018, no projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*, no qual examina dados do português moçambicano contemporâneo. Atualmente, tem bolsa de IC pelo CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo e abordagem construcional da gramática.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5499-9417>

E-mail: ralfcarneiro.1@gmail.com

Wesley da Silva Magalhães é graduando em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus XIV*), em Conceição do Coité - Bahia. É bolsista de Iniciação Científica (IC), desde 2018, no projeto *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*, no qual examina dados do português angolano contemporâneo. Atualmente, tem bolsa de IC pelo CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: variação e mudança linguísticas, funcionalismo e abordagem construcional da gramática.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0480-6629>

E-mail: magalhaeswesley23@gmail.com